

# O Diário da minha Viagem para Filadélfia. Maçonaria e jornalismo político na missão de Hipólito José da Costa aos Estados Unidos<sup>1</sup>

"Diary of my Trip to Philadelphia".  
Freemasonry and Political  
journalism in Hipólito José da  
Costa's mission to the United States

---

**Thais Helena dos Santos**

**Buvalovas**

Doutoranda em História pela  
Universidade de São Paulo  
e-mail: thaisbuva@uol.com.br

## Resumo

Hipólito José da Costa se notabilizou como diretor do *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, periódico que publicou durante seu exílio em Londres, de junho de 1808 a dezembro de 1822, e por meio do qual realizou importante intervenção no processo de emancipação política do Brasil. Um episódio praticamente inexplorado em sua biografia é a viagem filosófica que, aos 24 anos de idade e recém-formado pela Universidade de Coimbra, ele empreendeu à América do Norte. Realizada entre outubro de 1798 e fins de 1800, a missão de Hipólito resultou na construção de uma experiência urbana, e bastante singular, para um viajante naturalista. Com base em seu diário de viagem e outros escritos que documentam seu percurso nos Estados Unidos, este artigo focaliza a influência exercida pela imprensa política em suas representações sobre a sociedade norte-americana e argumenta que seu ingresso na maçonaria de Filadélfia representou um ponto de inflexão em sua trajetória.

## Abstract

Hipólito Jose da Costa became known as the director of the *Correio Braziliense or Armazém Literário*, a newspaper he published during his exile in London from June 1808 to December 1822, and by means of which he played an important part in the Brazilian political emancipation process. A practically unexplored episode in his biography was the philosophical travel that he took to North America, at the age of 24 and recently graduated from the University of Coimbra in Portugal. Hipólito's mission, from October 1798 to the end of the year 1800, resulted in the development of an urban and quite singular experience for a naturalist traveler. Based on his travel's diary and other writings which documented his journey in the United States, this article focuses on the influence that political press played in his representations concerning American society and states that his entry into the Philadelphia freemasonry represented a turning point in his career.

1

Este artigo foi escrito com base em minha dissertação de mestrado *O "Diário da minha Viagem para Filadélfia". Representações de um ilustrado luso-brasileiro na América independente. 1798-1799*, defendida no Departamento de História da FFLCH/USP, em dezembro de 2007.

---

## Palavras-chave

Iluminismo, maçonaria, imprensa, Estados Unidos

## Keywords

Enlightenment, freemasonry, press, United States

2

Cf. MAXWELL, Kenneth. A geração de 1790 e a idéia do Império luso-brasileiro. In \_\_\_\_\_. *Chocolate, Piratas e outros Malandros*. Ensaios Tropicais. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p.157-207; LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do Poderoso Império*. Portugal e Brasil: Bastidores da Política. 1798-1822. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. p.61-83.

3

As instruções para a viagem aos Estados Unidos foram publicadas por DOURADO, Mecenas. *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. Tomo I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p.46-48.

4

Ver VARELA, Alex G.; LOPES, Maria M.; FONSECA, Maria Rachel F. da. As atividades do filósofo natural José Bonifácio de Andrada e Silva em sua 'fase portuguesa' (1780-1819). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11 (3), p.689-692, set-dez. 2004.

5

O *Diário da minha Viagem para Filadélfia*, cujo manuscrito se encontra na biblioteca de Évora, e o *O Copiador e Registro das Cartas de Ofício*, que Hipólito enviou dos Estados Unidos para autoridades portuguesas em Lisboa, foram publicados pela Academia Brasileira de Letras, em 1955. Utilizo a reedição do Senado Federal. PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004.

6

Sobre a importância das representações difundidas pelo *Correio Braziliense* na América portuguesa, ver JANCSÓ, István. Independência, independências. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005. p.17-48. Também JANCSÓ, István e SLEMIAN, Andréa. Um caso de patriotismo imperial. In: DINES, Alberto e LUSTOSA, Isabel (eds.). *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. Estudos. Vol. XXX, Tomo 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.605-667.

7

Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História da Maçonaria em Portugal*. vol I. Das Origens ao Triunfo. Lisboa: Presença, 1989. p.79-81; DOURADO, Mecenas. Op.Cit., p.79-110; RIZZINI, Carlos. *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. p.7-15.

8

MARQUES, A. H. de Oliveira. Op.Cit., p.80.

A 16 de outubro de 1798, partia de Lisboa rumo a Filadélfia uma pequena embarcação de bandeira norte-americana, a corveta *William*. A bordo, na qualidade de agente da Coroa portuguesa, cruzava o Atlântico um jovem luso-brasileiro encarregado de importantes negócios na América do Norte. Seu nome era Hipólito José da Costa. Sua missão, conhecer espécies agrícolas cultivadas nos Estados Unidos e enviar clandestinamente do México exemplares da planta e do inseto da cochonilha para serem aclimatados no Brasil.

Sob a orientação de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da Marinha e Ultramar, a incursão de dois anos do jovem naturalista em território norte-americano foi contemporânea das várias expedições filosóficas que, sob a chancela da Academia das Ciências de Lisboa, realizaram um extenso inventário dos recursos naturais existentes nos domínios do Império português durante o governo mariano. Seus imperativos eram os mesmos: encontrar soluções que contribuíssem para promover o desenvolvimento do reino e reduzir sua defasagem em relação à Europa além-Pirineus<sup>2</sup>.

Mas se os objetivos eram semelhantes, o sentido das investigações era quase inverso: o que estava em foco na viagem à América do Norte não eram apenas os recursos naturais existentes ali, mas especialmente as técnicas empregadas em sua exploração<sup>3</sup>. Tratava-se de adquirir conhecimentos úteis à modernização da agricultura e da economia no Brasil, o que aproximava este empreendimento do extenso programa de aperfeiçoamento técnico em metalurgia que José Bonifácio de Andrada e Silva e Manuel Ferreira da Câmara realizaram em vários países da Europa, nos anos 1790<sup>4</sup>.

Aos 24 anos de idade e recém-formado pela Universidade de Coimbra, Hipólito registraria suas impressões sobre a sociedade norte-americana em seu *Diário da minha Viagem para Filadélfia*<sup>5</sup>, texto de caráter reservado, cuja escrita permite identificar experiências e motivações que seguramente contribuíram para deslocar a sua trajetória pessoal. Em trilha diversa das rotas traçadas pelos ilustrados de sua geração, ele não se destacaria como cientista, jurista ou estadista. Em sua maturidade, o jovem nascido na antiga Colônia do Sacramento, uma das mais isoladas fronteiras da ocupação portuguesa na América, seria curiosamente localizado em Londres, entre profissionais que integravam uma categoria emergente, dedicada a interferir nos negócios de Estado por meio do combate político na esfera da opinião pública – os chamados homens de imprensa. Em 1º de junho de 1808, lançaria na capital britânica o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, mensário que publicou até dezembro de 1822 e por meio do qual realizou importante intervenção no processo de emancipação política do Brasil<sup>6</sup>.

O empreendimento de um jornal livre de censura em língua portuguesa, até ali inédito, foi viabilizado por sua condição de exilado na Inglaterra, onde encontrou guarida após fugir dos cárceres da Inquisição em Lisboa. Contudo, na origem de sua prisão pelo intendente Pina Manique, e do subsequente processo movido contra ele pelo Tribunal do Santo Ofício, estava a viagem que havia realizado a Londres, em abril de 1802, com a intenção de obter o reconhecimento da maçonaria portuguesa<sup>7</sup>. Oliveira Marques revela que as negociações estavam sendo conduzidas com a Grande Loja da maçonaria Antiga de Inglaterra<sup>8</sup>, o que contribui para esclarecer por que motivo o jovem funcionário da Imprensa Régia teria sido indicado para executar aquela missão: ele também era um Antigo.

9

COSTA, Hipólito José da. *Narrativa da Perseguição*. 4ª ed. Porto Alegre: Associação Rio-grandense de Imprensa/Urgs, 1981. p.32.

10

Cf. BULLOCK, Steven C. *Revolutionary Brotherhood*. Freemasonry and the transformation of the American social order. 1730-1840. NC: University of North Carolina Press, 1996. p.90; JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment*. Freemasonry and Politics in Eighteenth-Century Europe. Oxford: Oxford University Press, 1991. p.61.

11

Cf. RIZZINI, Carlos. *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. p.18; LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos*. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Cia das Letras, 2000. p.75.

12

Sobre os processos de 1792, ver LOJA, António Egídio Fernandes. *A Luta do Poder contra a Maçonaria*. Quatro perseguições no Séc. XVIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. p.484-516; SILVA DIAS, Graça e SILVA DIAS, J. S. da. *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. 2ª ed. Vol.I. Tomo I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986. p.280-287.

Em sua *Narrativa da Perseguição*, relato publicado em Londres, em 1811, Hipólito revelou que sua admissão à "Ordem da Framaçonaria" havia ocorrido em Filadélfia, conforme mostravam as suas "cartas patentes de framaçom", apreendidas pela Intendência Geral da Polícia na oportunidade de sua prisão<sup>9</sup>. Ocorre que, em 1799, ano de sua filiação nos Estados Unidos, a grande maioria das lojas norte-americanas já pertencia à maçonaria Antiga. Na Pensilvânia sequer havia Modernos<sup>10</sup>. A oposição entre Antigos e Modernos na maçonaria anglo-americana será focalizada mais adiante, mas cabe notar aqui uma linha de continuidade: mais tarde, já exilado na Inglaterra, Hipólito pertenceria aos quadros da Loja Antiquity de Londres<sup>11</sup>.

Mas independentemente dos atributos que o credenciaram a realizar uma tarefa que terminaria em tragédia pessoal, sua admissão à ordem nos Estados Unidos era um fato significativo em si mesmo. Ao ingressar na maçonaria de Filadélfia, o futuro publicista também encontrou inserção em círculos de sociabilidade cujas relações com o partido republicano democrata de Thomas Jefferson eram claras. Uma intrincada rede de relacionamentos pessoais se insinua em seu diário de viagem, associando republicanos, quacres e maçons a emigrados de várias nacionalidades européias. Entre os últimos, havia também portugueses, alguns deles identificados no texto como refugiados da grande onda de perseguições desencadeada contra os pedreiros-livres na Ilha da Madeira, em 1792<sup>12</sup>.

A admissão de Hipólito aos círculos da ordem conferiu um significado peculiar à sua experiência como viajante naturalista, a começar pelo trajeto notadamente urbano que ele percorreu nos Estados Unidos. Aqui é importante notar que os objetivos estratégicos de sua missão também favoreciam a construção de uma experiência urbana, pois suas pesquisas estavam orientadas para um saber já sistematizado pelos norte-americanos. Porém, tratava-se de uma tarefa que só prescindiria de observações *in loco* caso seu encarregado tivesse acesso a fontes confiáveis.

Seu diário de viagem mostra que o caso foi justamente este. Fontes privilegiadas em Filadélfia forneceram ao jovem naturalista um volume muito grande de informações requeridas nas instruções de sua missão, o que, entre outros motivos, ajuda a explicar sua permanência na então capital federal durante a maior parte dos dois anos em que esteve nos Estados Unidos – de dezembro de 1798 a fins de 1800. Seu roteiro no país incluiu ainda alguns Estados do Atlântico Central e da Nova Inglaterra, que percorreu em direção a Nova York e Boston, durante a primavera e o verão de 1799. Em seu retorno à Pensilvânia, em fins de setembro daquele ano, foi acolhido por um amigo em Germantown, mas cerca de um mês depois já estava de volta à capital federal.

O paradeiro de nosso personagem durante o ano de 1800 não é totalmente seguro, porque ele interrompeu os registros de seu diário em 27 de dezembro de 1799 ou escreveu em papéis que se perderam. Mas por meio das cartas que ele enviou a Lisboa, todas datadas de Filadélfia, pode-se inferir sua permanência ali até o momento em que deixou os Estados Unidos, em fins de 1800. Assim, o título que encontrou para suas anotações pessoais nada teve de casual. O *Diário da minha Viagem para Filadélfia*, como o nome já indica, narra a construção de uma experiência urbana, cujo cerne reside na sede da federação norte-americana, em fins dos anos 1790.

### Rede textual e sociabilidade maçônica

Ao desembarcar no porto de New Castle, Delaware, em 11 de dezembro de 1798, Hipólito da Costa não era apenas um jovem ilustrado. Seu olhar tinha direção certa. A primeira imagem dos Estados Unidos em que ele se deteve foi "uma estalagem muito bem provida e asseada", onde o capitão do barco, "Mr. Moore", comprou mantimentos para abastecer o mesmo. Escreveu Hipólito que "na bandeira da tábua que tinha sobre a porta estavam pintados um compasso e um esquadro indicando ser isto casa de maçom ou para eles [...]"<sup>13</sup> Após narrar algumas curiosidades, ele registrou que esteve no posto do correio, onde viu "pelas paredes, muitos editais impressos para coisa de bagatela, porque, aqui, como a imprensa é livre, tudo se imprime para maior comodidade."<sup>14</sup>

Não por acaso a maçonaria e a imprensa livre aparecem entre os primeiros registros do jovem naturalista na América independente: foram suas íntimas relações com ambas que em larga medida traçaram o seu percurso nos Estados Unidos e pautaram suas representações sobre a sociedade norte-americana. Ao longo dos 12 meses cobertos pelos apontamentos de seu diário são inúmeras as referências a livros, jornais, obras e catálogos de naturalistas, revistas científicas, panfletos, compêndios, almanaques, folhetos, cartazes, "papéis de novidades", "papéis públicos". Esta profusão de impressos dialogava com os acontecimentos vivenciados pelo autor e não raro tinha a palavra final em suas anotações, como neste exemplo, referente às precauções adotadas contra a febre amarela no porto de Newport, Rhode Island.

Hoje esperávamos ser despedidos da quarentena, mas os oficiais da saúde têm medo de serem acusados de parcialidade, e por isso nos querem fazer estar aqui o mesmo tempo que esteve *Denis*, de modo que são injustos, realmente, por evitarem o parecer (veja-se o caráter destes magistrados em Barnaby, p. 145).<sup>15</sup>

Esta passagem também mostra a preocupação de não perder informação: com muita frequência, as referências trazem a fonte e a página onde poderiam ser localizadas. Em outras citações, a fonte foi negligenciada, mas há o registro da página, como nesta nota escrita à margem do manuscrito: "vide a descrição de Jersey, pág. 162."<sup>16</sup> Transcrições literais de fontes impressas também são muito comuns no texto e muitas destas transcrições, cujas fontes foram omitidas, podem ser identificadas por elementos de estilo ou circunstâncias de tempo e lugar, como a descrição de instituições existentes em locais que o autor não havia conhecido até então.

Mas se o diário de Hipólito reverbera outros escritos com uma frequência espantosa, neste emaranhado de ressonâncias a imprensa periódica ocupa um lugar central. Em estudo recente, Marco Morel observa que "a leitura da gazeta (como se chamavam os jornais) foi sua porta de entrada para 'ler' a vida urbana"<sup>17</sup> nos Estados Unidos. Indo além, a imprensa realizava uma espécie de mediação entre a experiência direta e a representação da realidade: "Algumas vezes Hipólito vai enxergar a 'realidade' do país em que se achava, como estrangeiro, através dessa janela."<sup>18</sup>

Entretanto, embora comentasse notícias publicadas nas "gazetas" (com frequência no plural), a única citada em seu diário é a *Aurora General Advertiser*, fundada em 1794, por Benjamin Franklin Bache, neto de Benjamin Franklin. É curioso, pois foram vários os jornais aos quais ele teve

13

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p. 48.

14

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.49.

15

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.129.

16

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.141.

17

MOREL, Marco. Entre estrela e satélite. In: DINES, Alberto e LUSTOSA, Isabel (eds.). *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. Estudos. Vol. XXX, Tomo 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.278.

18

Morel, Marco. Op.Cit., p.281.

19

Carta datada de Filadélfia, 1º de junho de 1800.  
PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.194.

20

Grifo meu.

acesso nos Estados Unidos. Chegou mesmo a enviar a D. Rodrigo de Sousa Coutinho "duas coleções de gazetas das que pretendem melhor informação: a *Aurora*, que é o mais bem conduzido papel do partido da oposição, e a *Gazette of de (sic) United States*, que se diz um jornal do governo."<sup>19</sup> Porém, este que se *dizia* "um jornal do governo" não aparece uma única vez em suas anotações.

Isto por si só denuncia algo que o leitor, por mais atento, não consegue discernir com clareza. Acresce que as referências à *Aurora* pontuam o texto em diferentes localidades e circunstâncias da viagem. Mais do que a ausência nominal de outros periódicos, é esta recorrência que sinaliza uma direção para o investigador. O que mais é igualmente reiterado no *Diário da minha Viagem para Filadélfia*? Temas em princípio distintos: o asseio dos norte-americanos, a maçonaria e a grande quantidade de confissões e denominações religiosas existentes nos Estados Unidos. Basta voltar à passagem que inaugura as anotações do autor em New Castle para perceber que a primeira imagem que chamou sua atenção não era apenas "casa de maçom", como também "muito bem provida e *asseada*."<sup>20</sup>

Ora, o que isto significa? Que relações estes temas teriam entre si, se é que se associavam de alguma forma? Seguir o rastro das referências ao "mais bem conduzido papel" da oposição possibilitou avançar para além das simples conjecturas: as várias passagens desconexas, vozes dissonantes, personagens e acontecimentos obscuros e mesmo registros aparentemente irrelevantes se mostraram uma unidade dotada de coesão interna, não apenas coerente e inteligível, mas muito significativa. No *Diário da minha Viagem para Filadélfia*, as relações no interior da maçonaria e a *Aurora General Advertiser* estão estreitamente relacionadas. Ambas constituem os fios condutores da narrativa, embora por vezes invisíveis ou quase. Enquanto espinha dorsal do relato, associam-se aos temas da religiosidade e da limpeza, tramas paralelas em que o ideário dos quacres tem papel marcante, mas não exclusivo.

E aqui é preciso estar atento a um aspecto mais sutil: a tentativa de recuperar a experiência do viajante por meio de seu relato passa pela percepção de que existem duas redes nitidamente estruturadas em suas anotações pessoais. A primeira é textual e composta pelos escritos que orientavam o autor em seu percurso nos Estados Unidos. A outra se articula na esfera das sociabilidades e espelha especialmente suas relações no interior da maçonaria. Nesta, a exemplo das fontes impressas, muitas vezes traduzem para o autor os fatos que estão ocorrendo em seu entorno. Assim, a experiência do viajante é frequentemente intermediada. Contudo, entre estas duas redes ou escapando à sua força de gravidade reside a experiência singular e não mediada dos cultos religiosos aos quais ele comparecia com assiduidade surpreendente.

Mas como estes temas e suas associações convergem no texto? E o que revelam sobre o universo mental do autor naquele momento? A tentativa de responder a estas questões passa necessariamente pela grave crise política e institucional que antecedeu a vitória do republicano Thomas Jefferson nas eleições presidenciais de 1800.

### **A *Aurora* de Filadélfia**

Cerca de um mês após chegar aos Estados Unidos, em janeiro de 1799, Hipólito adquiriu uma assinatura semestral da *Aurora General Advertiser*. Tratava-se de um fato significativo em si mesmo. Entretanto, há nesta subs-

crição um detalhe que poderia passar despercebido: naquele momento, os republicanos estavam engajados numa grande campanha, com o intuito de ampliar o número de assinantes dos periódicos identificados com o partido, especialmente a *Aurora*, sua linha de frente em Filadélfia.

Já estrangulados por dívidas, as gazetas republicanas tinham perdido muitos leitores devido à sua insistente defesa da França revolucionária, uma causa que se mostrara praticamente suicida quando o governo do Diretório rompeu relações com os Estados Unidos e inaugurou as hostilidades em alto mar, capturando barcos da marinha mercante norte-americana. Em abril de 1798, Thomas Jefferson escrevia a seu correligionário James Madison alertando sobre a necessidade de ambos se empenharem pessoalmente na sustentação da *Aurora* e do *Recorder*<sup>21</sup>. Nesta carta, Jefferson dizia que se estes jornais falissem, a causa republicana estaria seriamente comprometida<sup>22</sup>. É seguro supor que a decisão de Hipólito de assinar a *Aurora*, quando ainda era um recém-chegado aos Estados Unidos, tenha sido influenciada por pessoas de suas relações. O registro sobre este fato é o seguinte.

Hoje, subscrevi na *Aurora*, principiando de 11 deste mês até 11 de julho, e dei 4 dólares; é uma gazeta diária que era de Benjamin Franklin Bache, um sobrinho<sup>23</sup> do grande Franklin, e que mora nas mesmas casas, tendo a mesma imprensa; mas como este é morto, a mulher continua tendo um redator irlandês.<sup>24</sup>

De fato, a viúva de Franklin Bache, Margaret, manteve a *Aurora* após a morte de seu marido, vitimado pela febre amarela em setembro de 1798. A direção editorial foi transferida para William Duane, um emigrado de origem irlandesa, que havia nascido na antiga colônia de Nova York. Ainda criança, Duane tinha sido levado para a Irlanda, migrando já adulto para Londres e depois para a Índia britânica, de onde foi deportado em 1795. De volta à Inglaterra, uniu-se aos radicais da London Corresponding Society, mas a aprovação de uma lei de sedição pelo parlamento logo o forçaria a buscar refúgio na América, como a maioria de seus correligionários<sup>25</sup>.

O fato de Hipólito ter subscrito e ainda renovado a assinatura da *Aurora* em novembro de 1799 – “Subscrevi na *Aurora* e paguei três meses”<sup>26</sup> – é evidência clara de suas inclinações políticas naquele momento. Aqui é preciso levar em conta que a imprensa diária era então o mais poderoso instrumento de agitação e propaganda à disposição dos partidos políticos, como o apelo de Thomas Jefferson, citado acima, permite entrever.

Acresce que a situação era de fato explosiva e nem de longe havia meio termo para o público leitor. Confrontos de rua e mesmo atentados já ocorriam antes da radicalização do conflito com a França, mas em fins de 1798 o partido federalista, então no poder, passou a recrutar voluntários para uma milícia privada e os republicanos, temendo retaliações, também consideraram conveniente o auxílio das armas para defender as suas propriedades e a sua integridade física. Logo grupos armados de republicanos e federalistas passariam a patrulhar diariamente as ruas de Filadélfia. No comando da companhia de milicianos recrutada pelos *jeffersonians* na capital federal estava justamente o diretor da *Aurora*, William Duane<sup>27</sup>.

Hipólito da Costa chegou aos Estados Unidos no ápice da crise e os registros de seu diário mostram que ele não estava alheio ao que estava ocorrendo em seu entorno. Bem ao contrário. Além dos inúmeros “papéis” que lia com voracidade, ele conheceu de perto personagens diretamente

21

O *United States Recorder* era publicado em Filadélfia por James Carey.

22

Jefferson escreveu a Madison: “If these papers fall, Republicanism will be entirely browbeaten.” Citado por SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache*. Envisioning the Enlightened Republic. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.151-152. Também citado por TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.395-396.

23

Aqui há um engano quanto ao grau de parentesco: Bache era neto de Benjamin Franklin.

24

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.62.

25

Cf. TAGG, James. Op.Cit., p.284; SMITH, Jeffery A. Op.Cit., p.168.

26

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.149.

27

Cf. TAGG, James. Op.Cit., p.376-377. Richard Rosenfeld publicou extratos dos principais diários norte-americanos da época, cobrindo desde a escalada da crise, em março de 1798, à posse de Thomas Jefferson, em março de 1801. ROSENFELD, Richard N. *American Aurora*. A Democratic-Republican Returns. The suppressed history of our nation's beginnings and the heroic newspaper that tried to report it. New York: St. Martin's Press, 1997. Sobre as milícias federalistas e republicanas, ver p.54; p.628; p.641-647.

implicados nos acontecimentos políticos. Cabe assim focalizar os principais elementos em jogo naquela disputa, pois as representações que o viajante construiu sobre a sociedade norte-americana não podem ser dissociadas dos eventos que ele presenciou e que também ecoam em suas anotações pessoais.

Em síntese, federalistas e republicanos representavam dois projetos bastante distintos para a jovem nação norte-americana. O partido federalista defendia o fortalecimento da União, a expansão de suas atribuições e a constituição de forças armadas permanentes, o que também implicava a instituição de novos impostos. Já o partido republicano pregava o autogoverno e defendia a autonomia das unidades que formavam a federação. Era principalmente devido à centralização do poder político que viria em sua esteira que os *jeffersonians* combatiam a instituição de novos impostos e a formação de um exército permanente<sup>28</sup>.

O violento embate político entre fortalecimento da União versus autonomia dos Estados tinha como pano de fundo a oposição entre os interesses do grande capital comercial, sediado na Nova Inglaterra e nos Estados do Atlântico Central, e os ideais de uma nação orientada para a agricultura e auto-suficiência de sua indústria doméstica, o que também contemplava o modelo de *plantation* nos Estados do sul. Daí os federalistas serem hegemônicos no norte e os republicanos, no sul<sup>29</sup>.

A disputa era bem mais acirrada nos Estados do Atlântico Central, especialmente na Pensilvânia e na capital Filadélfia, onde os *jeffersonians* possuíam bases sociais importantes. Curiosamente, seriam eles os mais árdios defensores das liberdades e garantias individuais, bem como de valores muito caros ao pequeno produtor norte-americano: a supremacia do trabalho útil; a idéia de mérito; a austeridade moral; a ausência de privilégios<sup>30</sup>.

O estopim da crise ou "*quasi war*" dos anos 1790 foi o Tratado Jay (*Jay Treat*), assim chamado por ter sido negociado em Londres pelo presidente do Supremo Tribunal, John Jay. Assinado em 1795, o acordo selou uma reaproximação do governo de George Washington com a Inglaterra, suspendendo a neutralidade mantida pelos Estados Unidos na guerra contra a França revolucionária então em curso na Europa. Um enfrentamento com os ingleses não interessava ao governo de Washington. Sua política financeira dependia das receitas advindas do grande comércio com a Inglaterra e sua sustentação interna também residia no grande capital comercial, cujos interesses estavam imbricados com os negócios britânicos. Mas a reação da França não tardaria, como vimos. Já presidente em 1797, o moderado John Adams realizava esforços em favor de um acordo que pusesse termo às agressões do Diretório em alto-mar, mas muitos membros de seu partido trabalhavam para acirrar ainda mais o conflito e seu gabinete se preparava para um enfrentamento armado de grandes proporções<sup>31</sup>.

A imprensa repercutia o alarme e amplificava o volume: liderados pela *Gazette of the United States*, dirigida por John Ward Fenno, os jornais comprometidos com o partido federalista atacavam os "inimigos internos", ecoando a campanha que vinha sendo desenvolvida no Congresso contra a participação de emigrados na vida política do país. O risco representado por essa população de "traidores domésticos", disposta a se unir a uma nação inimiga para "subjugar os Estados Unidos", não era pequeno para os jornais governistas. Diziam eles que uma verdadeira "multidão de espiões" se espalhava da Geórgia a New Hampshire: eram "irlandeses bárbaros" e

28

Ver JEFFERSON, Thomas. *Escritos Políticos*. São Paulo: Ibrasa, 1964; HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. *O Federalista*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1973.

29

Cf. SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache*. *Envisioning the Enlightened Republic*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.21-24; p.119-120; TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.136; p.205-206.

30

Cf. SCHULTZ, Ronald. The small-producer tradition and the moral origins of artisan radicalism in Philadelphia. 1720-1810. *Past and Present*, nº 127, p.87-89, May 1990.

31

Cf. TAGG, James. *Op.Cit.*, p.239-263; p.318.

32

Cf. BRIC, Maurice J. The United Irishmen, international republicanism and the definition of the polity in the United States of America. 1791-1800. *Proceedings of The Royal Irish Academy*, vol. 104 C, nº 4, p.90-102, 2004.

33

Cf. SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache. Envisioning the Enlightened Republic*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.117; p.127; p.154.

34

Cf. SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, s/d, p.116.

35

Resoluções do Kentucky e da Virgínia. In: SYRETT, Harold C. (org.). *Op.Cit.*, p.117-118.

36

Cf. TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.386.

37

Cf. ROSENFELD, Richard N. *American Aurora. A Democratic-Republican Returns. The suppressed history of our nation's beginnings and the heroic newspaper that tried to report it*. New York: St. Martin's Press, 1997. p.663-668.

"agentes do Diretório", uma "horda de jacobinos", "vagabundos", "renegados" e "foras-da-lei", cuja "perfídia" havia conjurado "uma conspiração internacional" para subverter os mais caros "princípios do nosso sistema político."<sup>32</sup>

Com a *Aurora* em sua linha de frente, os republicanos, por sua vez, denunciavam o perfil "aristocrático" dos federalistas, seus anseios "monárquicos" e antidemocráticos, sua política econômica orientada para a especulação financeira e sua não menos grave conivência com as pretensões da Inglaterra, cujos objetivos não seriam outros senão "recolonizar" os Estados Unidos. Os *jeffersonians* tampouco se furtavam a ataques pessoais: o presidente era frequentemente chamado de "velho", "cego", "careca", "desdentado Adams" ou simplesmente "*His Rotundity*" ("Sua Redondeza"), em dupla alusão à corpulência de sua figura e ao título de "*His Highness*" ("Sua Alteza") *the President of the U.S. and protector of their liberties*, que ele havia proposto para o primeiro mandatário da nação, quando presidia o Senado, em 1789<sup>33</sup>.

Neste quadro de aguda polarização entre as duas facções e crescente radicalização do processo político, a maioria federalista no Congresso aprovou as chamadas Leis de Estrangeiros e de Sedição (*Alien and Sedition Acts*). Sancionada entre os meses de junho e julho de 1798, a nova legislação restringia a liberdade de imprensa, aumentava de cinco para 14 anos o tempo necessário de residência no país para obtenção da cidadania norte-americana e autorizava a prisão e deportação de estrangeiros "perigosos para a paz e para a segurança dos Estados Unidos."<sup>34</sup>

Os republicanos responderam com as Resoluções da Virgínia e do Kentucky, que rejeitaram as novas leis por serem "de todo irritas e nulas". A lei de Sedição, em particular, violava a Primeira Emenda à Constituição, que impedia o Congresso de impor restrições à "liberdade de expressão ou de imprensa."<sup>35</sup> A crise só se resolveria com a eleição de Thomas Jefferson em dezembro de 1800. Até lá, vários jornalistas republicanos foram atingidos pela nova legislação, a começar por Franklin Bache, preso dois meses antes de falecer, quando a lei de Sedição ainda não tinha sido sequer assinada pelo presidente Adams<sup>36</sup>. Também o novo diretor da *Aurora*, William Duane, foi processado em 1799 por ter acusado a administração federalista de receber dinheiro do serviço secreto britânico<sup>37</sup>.

É de perguntar como Hipólito teria ingressado tão rapidamente nos círculos republicanos de Filadélfia. Seus primeiros apontamentos mostram o papel de cicerone exercido pelo ministro português, Cipriano Ribeiro Freire, que logo seria transferido para Londres. Ainda em suas primeiras semanas nos Estados Unidos, aparecem jantares na casa do ministro britânico Robert Liston, oportunidades em que Hipólito conheceu secretários da administração federalista e também líderes do governo no Congresso.

Entretanto, logo começam a surgir no texto franceses e outros emigrados, cujas relações com o jovem luso-brasileiro eram de muita proximidade. A narrativa pouco revela a respeito destes personagens e menos ainda sobre como teriam entrado em cena. Sua aparição é discreta e sua participação na trama, contida. O resultado é que poderiam passar despercebidos, não fossem os rastros de sua identidade deixados no texto pelo autor e as referências à maçonaria e à *Aurora* de Filadélfia, que pontuam o relato em várias passagens.

Sabe-se que sonegar informação em escritos de caráter pessoal é em boa parte natural e involuntário, pois o autor não precisa esclarecer nada a si mesmo. Porém, em várias situações a escrita de Hipólito parece contida

38

MOREL, Marco. Entre estrela e satélite. In: DINES, Alberto e LUSTOSA, Isabel (eds.). *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. Estudos. Vol. XXX, Tomo 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.277n.

39

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.65.

40

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.58.

pela intenção clara de omitir nomes, fatos, opiniões, relacionamentos. Exemplo disto é que ele não registrou sua admissão à maçonaria, evento cuja importância o próprio texto se encarrega de desvendar. No estudo já citado aqui, Marco Morel também observa que o diário de Hipólito não apresenta "confissões nem comentários mais ousados, até porque o ato de escrever, ainda que manuscrito, podia ser perigoso num quadro de controle absolutista como em Portugal."<sup>38</sup> A percepção de que há filtros na narrativa, em diferentes níveis, é ratificada por passagens como esta.

Hoje, jantei em casa do ministro de Espanha, onde me encontrei com Mr. Jefferson, a quem fui apresentado pelo ministro de Espanha, e o ministro de Portugal me perguntou poucos minutos depois se eu queria ser-lhe apresentado, ao que eu respondi que já o tinha sido; esta anedota merece a minha lembrança pelas razões que eu sei.<sup>39</sup>

Está claro o desejo de esclarecer um fato, cujas razões, no entanto, era preciso omitir. Daí a tensão se resolver no texto com um recado tão enigmático quanto inútil para o autor. Contudo, a constatação de que a escrita sonega informação em passagens cruciais acaba favorecendo a percepção de aspectos menos relevantes ou aparentemente negligenciáveis. Assim, desvendar o que está ocorrendo na narrativa é tarefa que se torna bem menos intrincada ao se levar em conta outros rastros deixados pelo autor ao longo de seu relato. O apreço pela limpeza e higiene pessoal é o mais importante deles. Há um segundo elemento que deve ser observado com atenção, pois dialoga de modo muito interessante com o primeiro: trata-se da ordem ou do que o autor também chamava de "arrumação" ou "arranjo-mento".

A limpeza e a ordem são as principais figuras que conduzem as representações de nossa personagem sobre a cidade de Filadélfia e respondem em larga medida pelo encantamento que ele experimentava na capital federal. É inegável que estes elementos estabeleceram importantes relações de identificação com o modo de vida dos norte-americanos e pode-se afirmar com igual segurança que tais expressões de identidade são ainda mais significativas, à medida que se localizam na esfera da afetividade. Um exemplo desta conjugação entre ordem e limpeza pode ser observado nas impressões de Hipólito sobre o mercado de Filadélfia, construído na rua principal da cidade, já na época conhecida como Market Street.

O asseio é infinito, e o sossego no meio desta infinidade de gente é digno de nota. Não há outro guarda ou superintendência que dois oficiais, que servem para pesar aqueles artigos em que se supõem [sic] que o vendedor usou de dolo. A imensidade de carros, que vêm do campo com todas as provisões do mercado, param antes do mercado, na mesma rua, arrumando-se sem confusão alguma [...]<sup>40</sup>

Esta construção pode ser lida da seguinte maneira: "O asseio é infinito" e o sossego, "digno de nota", apesar de não haver no mercado mais que "dois oficiais", cuja função *não* é vigiar a "infinidade de gente" nem "arrumar" a "imensidade de carros" que param ali. Os carros se arrumavam sozinhos e as pessoas não precisavam de vigilância. Entretanto, mais importante do que observar tal conjugação no texto é perceber que motivações de caráter religioso permeavam as relações do autor com a limpeza e a ordem. Muitos apontamentos sinalizam nesta direção. É preciso começar

com o registro de Nova York que explicita a idéia de "limpeza sem riqueza", motivo reiterado em várias passagens do texto.

Aqui há um uso geral (com algumas exceções) de se não darem dotes, o que contribui muito para a igualdade das fortunas, visto que os bens paternos se devem dividir, segundo a lei, pelos filhos todos igualmente. A limpeza sem riqueza, nos vestidos das mulheres, é o mais nobre ornato; uma linda *quajeress*, com os seus simples vestidos brancos e sem pós nos cabelos, é superior a tudo o que a imaginação pode pintar de belo. As crianças nunca usam pós.<sup>41</sup>

41

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.112.

É evidente a relação entre a beleza da jovem "*quajeress*" e "a limpeza sem riqueza", que constituía o seu "mais nobre ornato." Assim, a "linda *quajeress*" não estava apenas limpa: seus "simples vestidos brancos" evocavam a idéia de indistinção social. Esta idéia é reforçada pela condução analógica do texto: o autor começou a escrever pensando justamente na "igualdade das fortunas." O motivo da "limpeza sem riqueza" reaparece duas semanas mais tarde na seguinte passagem.

As senhoras da América não usam pedras preciosas, raras vezes vestidos de seda, nunca bordados; o uso geral (de verão e de inverno) é um vestido de musselina mais fino ou mais grosso, segundo as posses ou qualidade do dia, sempre muito lavado, e de uma brancura que desafia a neve; raras vezes alguma fita que o orne; [...] eis aqui uma simplicidade que lhe exalta a beleza.<sup>42</sup>

42

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.116.

A idéia de indistinção está de fato presente: os vestidos quase não portavam elementos que pudessem distinguir as mulheres entre si, conferindo uma aparência de equidade ao conjunto. Mas tão ou mais importante é a imagem de uma brancura capaz de desafiar a neve: as "senhoras da América" pareciam imaculadas. De modo algum é supérfluo notar que os cabelos livres de pós e os corpos despídos de sinais de riqueza se inscreviam no lugar reservado às emoções mais íntimas. No entanto, o leitor ainda precisa encontrar a seguinte passagem, escrita dois meses depois, em Germantown, Pensilvânia.

Fui à igreja dos *Tunkers*<sup>43</sup>; nenhum estava de barbas e um ministro que as costuma trazer não estava lá, os outros estavam vestidos como nós, e alguns, como *Quakers*; as mulheres quase todas com pós nos cabelos, barretes à moda, etc., de sorte que me pareceram bem degenerados.<sup>44</sup>

43

Muito provavelmente *dunkers*, uma seita de origem alemã existente na Pensilvânia.

44

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.146.

Este "nós" presente na segunda linha significa que Hipólito compareceu ao ofício na companhia do "Coronel Forest", pois nesta data estava hospedado em sua casa. Ainda que por vias tortas, o texto revela mais adiante que "Forest" era um republicano, mas o fato de que também era um quacre foi curiosamente omitido. Mas antes de focalizar o coronel Forrest, cabe comentar a passagem transcrita acima. O autor considerou aqueles sectários "bem degenerados", porque viu mulheres na igreja com pós nos cabelos e acessórios da moda. Ora, a palavra degeneração era muito utilizada pelos *jeffersonians*, significando despotismo ou exercício não democrático do poder político. É interessante que este termo apareça no texto numa situação em que o autor estava na companhia de um quacre que era também republicano.

Contudo, se a idéia de degeneração aparece associada a expressões de distinção e vaidade mundana, é natural supor que a "limpeza sem riqueza" estivesse em território oposto. É o que a passagem sobre a jovem que tanto

comoveu o autor em Nova York já permitia entrever: a "linda *quajeress*" era um arquétipo da virtude. É portanto neste registro que devem ser compreendidas as formulações que associam o asseio pessoal a roupas velhas e remendadas ou contrastam a limpeza de um ambiente a seu aspecto humilde e tamanho diminuto.

A associação entre limpeza e pureza ritual não é improvável, já que o autor parecia nutrir um sentimento religioso profundo. Seu grande interesse por este tema e sua freqüência assídua a "*meetings*" de diferentes confissões e diversas denominações do protestantismo revelam um perfil no mínimo idiossincrático. Acresce que ele era de fato católico. Chegava a comparecer a dois cultos no mesmo dia também por este motivo: ele costumava assistir à missa. Mais interessante é que ao lidar com este tema a escrita apresenta uma dupla peculiaridade: a) as visitas a "*meetings*" quase sempre escapavam à intermediação de fontes; b) os cultos que despertavam um interesse peculiar recebiam descrições muito extensas e pormenorizadas. Conjugados, os dois procedimentos são incomuns no texto, o que sinaliza uma qualidade distinta de experiência. Pode-se ter uma idéia desta singularidade através da seguinte passagem.

Hoje, estive em uma igreja de protestantes alemães onde havia um púlpito muito elevado; por baixo, uma mesa coberta com uma toalha; sobre ela estavam 3 grandes jarros de prata onde havia partículas de hóstias; o lugar onde estava esta mesa era cercado por grades que tinham 5 palmos de alto, e a ela se encostaram muitos homens que encheram a grade toda ao redor; dois ministros estavam dentro de vestidos de hábitos pretos, um deles tirou uma sopeira ou urna de prata com uma colher quantidade de hóstias que deitou em uma pátena e entrou a distribuir pelos homens que se achavam ao redor da grade; e ao mesmo tempo o outro ministro deitou vinho de um dos jarros para um vaso, e dava a beber um gole ou dois a cada um dos que já tinham tomado a partícula; foram-se estes homens e o lugar se encheu com mulheres, as quais, tendo comungado pelo mesmo modo, pão e vinho, se retiraram, e o lugar foi cheio por outras, o que se repetiu até que todas tivessem vindo; todas as mulheres que se chegaram para comungar estavam, ou todas de preto, ou todas de branco, e não pode deixar de haver alguma diferença nisto porque, umas vezes, se enchia a mesa com mulheres todas de preto, e outras vezes, com mulheres todas de branco, mas, em geral, traziam uma touca branca na cabeça, e aquelas que traziam chapéus, ou outra espécie de toucado, o tiravam deixando só ficar a touca branca que traziam por baixo. (Nota à margem – Todas estas mulheres que comungavam de pé estavam a chorar ou a afetar que choravam, e a limpar os olhos com um lenço.) Como era sexta-feira da Paixão, estive na igreja dos católicos onde se fizeram as cerimônias do dia.<sup>45</sup>

45

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.73.

Cabe notar o emprego de dimensões nas descrições de cultos. Nesta igreja, as grades tinham "5 palmos de alto". Já na descrição de uma sinagoga de Filadélfia, aparecem "20 homens, sentados em bancos", que traziam sobre os ombros estolas brancas "de 3 palmos, pouco mais ou menos, de largura [...]"<sup>46</sup> Quem utiliza dimensões busca exatidão. Embora não caiba especular sobre as motivações do autor, é natural supor alguma relação com a dimensão esotérica da maçonaria.

46

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.71.

Coincidentemente, já que as incursões religiosas de Hipólito tiveram início assim que ele chegou a Filadélfia, ocorria então nos Estados Unidos um movimento de aproximação entre a maçonaria e o cristianismo. Segundo Steven Bullock, no período pós-revolucionário, um largo espectro de concepções religiosas convergiu em direção aos ideais iluministas representados pela maçonaria, acompanhado do ingresso na ordem de um número crescente de ministros e membros de várias denominações. A

47

Citação extraída da seguinte passagem: "[...] large numbers of believers came to view Masonry as what one brother termed 'the herald of universal peace and tranquility', the harbinger of the coming millennium." BULLOCK, Steven C. *Revolutionary Brotherhood. Freemasonry and the transformation of the American social order. 1730-1840*. NC: University of North Carolina Press, 1996. p.164.

48

Ver PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.91-94.

49

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.79.

50

Nota do editor: "Antiga medida portuguesa."

51

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.78.

52

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.94.

53

Tradução livre para: "Bache's primary socio-political objective was a moral cleansing of the world." SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache. Envisioning the Enlightened Republic*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.122.

54

Cf. *Ibidem*

maçonaria chegou a ser concebida como sacra em si mesma e muitos fiéis percebiam a ordem como "um arauto do milênio que estava por vir."<sup>47</sup>

A intimidade de nosso personagem com temas religiosos pode explicar ao menos em parte por que é notável a presença do ideário dos quacres em seu diário. A passagem mais extensa de suas anotações pessoais se refere à penitenciária de Filadélfia, cujo regime prisional havia sido reformado pela Sociedade dos Amigos. É um dos registros mais significativos, se não o de maior importância em todo o relato, não apenas por sua extensão, mas pelo caráter francamente opinativo, evidenciado por um nível bem mais elevado de redundância. O contraste com a escrita frequentemente econômica e quase sempre contida do diário de Hipólito oferece aos quacres um destaque sem paralelo no texto.

Ele visitou o presídio, mas também inseriu uma grande quantidade de adendos ao texto um mês depois, parcialmente decalcados de uma fonte impressa<sup>48</sup>. Nas muitas páginas sobre o regime prisional dos quacres, as representações relacionadas à limpeza, ordem, trabalho e austeridade são reiteradas de modo enfático. Hipólito apresentou "provas" de que a prisão administrada pelos quacres de fato corrigia "os costumes", por meio do trabalho constante e do "hábito da ordem e arrançamento."<sup>49</sup> Um trecho que vale transcrever representa a prisão como um misto de "manufatura bem arranjada e ordenada", escola para alfabetização de adultos e casa perene de oração.

[...] ao pôr-do-sol toca a campainha para deixar o trabalho, e vão para os quartos, e então se acendem as luzes e cada quarto é uma escola para aprenderem a ler; os que mais sabem ensinam os outros; depois disto vão à ceia que consta de angu de milho, e 7 pintos<sup>50</sup> de melação para todos; depois da ceia poderiam os presos conversar nos quartos e, para o evitar, um é obrigado a ler para que os outros ouçam, e quando este está cansado outro o muda; a leitura é de livro de devoção ou de moral, e depois que todos dormem, o leitor se deita.<sup>51</sup>

A dificuldade em implantar este sistema, segundo o autor, não foi pequena, principalmente porque os presos se recusavam a trabalhar e muitos fugiram: "É preciso nunca desanimar em grandes empresas!!! A firme determinação de vencer todos os obstáculos os tem vencido todos [...]"<sup>52</sup>

Vê-se que as tramas começam a convergir, mas que relações a *Aurora* de Filadélfia teria com a limpeza e a religiosidade? Jeffery Smith fornece uma pista valiosa, ao afirmar que o principal objetivo sociopolítico de Franklin Bache era "uma purificação moral do mundo."<sup>53</sup> Em suas críticas à política econômica adotada pelos federalistas, o diretor da *Aurora* considerava que conceder incentivos para iniciativas do grande capital comercial não apenas violava os princípios republicanos, como logo introduziria o luxo e o ócio na sociedade norte-americana. Estes eram incompatíveis com as virtudes da operosidade, paciência e força de vontade, indispensáveis à constituição de uma república democrática<sup>54</sup>.

Não surpreende que houvesse identidade entre membros da Sociedade dos Amigos e os seguidores de Thomas Jefferson na Pensilvânia. Com os quacres, os *jeffersonians* partilhavam uma visão de mundo em que não havia lugar para privilégios, ostentação, ócio, desperdício. Um nexo importante entre os dois grupos estava no perfil étnico-religioso da antiga colônia fundada por William Penn. Ainda em boa parte constituída por quacres, a Pensilvânia havia atraído grande número de denominações dissidentes e seitas exclusivistas do protestantismo, bem como refugiados

55  
Cf. NASH, Gary B. *Forging Freedom. The Formation of Philadelphia Black Community, 1720-1840*. Cambridge: Harvard University Press, 1991. p.16.

56  
Tradução livre para: "*Without frequent pruning of vicious shoots, the most virtuous governments will degenerate, and bear bad fruits.*" Citado por SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache. Envisioning the Enlightened Republic*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.122.

57  
Utilizo o conceito de linguagem desenvolvido por POCOCCO, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

58  
Tradução livre para: "*A calamity, which appears to afflict our maritime cities as if it were a mark of the indignation of Heaven for the degeneracy of our nation from the magnanimity and virtue which obtained us our liberties [...]*" *Aurora General Advertiser*, August 30, 1799. In: ROSENFELD, Richard N. *American Aurora. A Democratic-Republican Returns. The suppressed history of our nation's beginnings and the heroic newspaper that tried to report it*. New York: St. Martin's Press, 1997. p.688.

59  
PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.64.

60  
Cf. BRIC, Maurice J. The United Irishmen, international republicanism and the definition of the polity in the United States of America. 1791-1800. *Proceedings of The Royal Irish Academy*, vol. 104 C, nº 4, p.103-104, 2004. ROSENFELD, Richard N. Op.Cit., p.584-590.

61  
Ver PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.111; 115; p.120-121; p.126; p.142.

62  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.111-112.

63  
Tradução livre para: "*Their only god is money.*" Citado por SMITH, Jeffery A. Op.Cit., p.163.

de toda a Europa, entre os quais franceses huguenotes e judeus sefarditas, além de irlandeses católicos, um dos grupos mais numerosos<sup>55</sup>. Tratava-se de um ambiente favorável ao radicalismo também porque a desconfiança em relação às instituições e ao poder do Estado não era pequena.

Daí a forte ressonância de posições que visavam conter a expansão do aparelho do Estado e manter suas atividades sob a mais severa vigilância: "mesmo os governos mais virtuosos podem degenerar e produzir frutos ruins" se os brotos do vício não forem constantemente extirpados, escrevia Bache<sup>56</sup>. Vê-se que o discurso republicano era permeado por palavras e expressões apropriadas de linguagens religiosas<sup>57</sup> e uma das mais emblemáticas era justamente "degeneração". Na frase citada, "degenerar" surge em sintonia com "brotos do vício", opondo-se à idéia de "governos virtuosos."

William Duane chegou mesmo a afirmar que as epidemias de febre amarela, que atingiam as cidades costeiras dos Estados Unidos durante o verão, eram como "um sinal da indignação dos Céus face à degeneração de nossa nação da grandeza moral e da virtude por meio das quais conquistamos as nossas liberdades."<sup>58</sup> Esta frase permite uma segunda constatação: a virtude, antagônica à degeneração, estava estreitamente associada à soberania política. A "indignação dos Céus" não deixa margem a dúvidas quanto ao fundamento religioso destas formulações.

Em síntese, esta era a *Aurora* de Filadélfia. Cabe agora demonstrar como seus conteúdos conduzem as representações construídas por Hipólito da Costa sobre a sociedade norte-americana. Deve-se reconhecer que as referências ao jornal, curtas e muito pouco informativas, em alguns casos sequer revelam o significado dos eventos aos quais se reportam, como neste registro: "Dois irlandeses que tomaram hoje dúvidas no pátio da Igreja dos Católicos foram presos; veja-se sobre isso a *Aurora* de amanhã."<sup>59</sup> O que se viu na igreja de Saint Mary naquela data foi um grande tumulto, que dominou o noticiário de Filadélfia por várias semanas. William Duane e três irlandeses emigrados foram presos e processados por incitar a sedição, mas acabaram absolvidos pelo júri<sup>60</sup>.

Este exemplo mostra que as alusões à *Aurora* pouco iluminam a sua presença no texto: esta é quase imperceptível. Ora, se esta presença é invisível, como pode ser detectada? Através dos eixos de agitação e propaganda do partido republicano, que eram difundidos pelo jornal. Este discurso foi largamente reproduzido por Hipólito em seu diário, onde, entre outras construções típicas dos *jeffersonians*, aparecem críticas à especulação com propriedades rurais e representações muito pouco louváveis de George Washington como estrategista militar<sup>61</sup>. Comentários de Franklin Bache sobre o grande comércio com as Índias Ocidentais podem ter inspirado o seguinte registro de Hipólito.

Indubitavelmente, o comércio dos Estados Unidos é demasiado, não sendo por nenhum modo proporcionado à agricultura e produção do país. A razão é porque os Estados Unidos fazem o comércio das West Índias quase todo, e o resultado é que eles têm desprezado a agricultura, e empregando-se de tal modo ao comércio que é a paixão dominante a especulação, é o espírito público; o dinheiro é a única virtude que ambicionam.<sup>62</sup>

Ao atacar os grandes negociantes que comerciavam com as "West Índias", Bache sentenciou: "O dinheiro é seu único deus."<sup>63</sup> Nosso personagem pode ter lido este artigo, publicado alguns meses antes dele chegar aos Estados Unidos, pois, como vimos, chegou a enviar uma coleção da

64

Cf. DUREY, Michael. Thomas Paine's apostles: radical émigrés and the triumph of Jeffersonian republicanism. *The William and Mary Quarterly*, 3rd Ser., Vol. 44, nº 4, p.681-685, Oct., 1987.

65

James Callender protagonizou o julgamento mais importante realizado com base na lei de Sedição, porque sua condenação levaria ao *impeachment* do juiz da Suprema Corte Samuel Chase. Cf. SMITH, James Morton. Seditious in the Old Dominion: James T. Callender and "The Prospect Before Us." *The Journal of Southern History*, vol. 20, nº 2, p.157-163, May, 1954.

66

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.147.

67

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.85. As reticências são do original.

68

DOURADO, Mecenas. *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*. Tomo I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p.77-78.

69

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.88-89.

70

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.124.

71

DOURADO, Mecenas. Op.Cit., p.75.

72

DOURADO, Mecenas. Op.Cit., p.71.

73

Cf. SMITH, Jeffery A. *Franklin & Bache*. Envisioning the Enlightened Republic. Oxford: Oxford University Press, 1990. p.67, p.161.

74

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.111.

75

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.117.

*Aurora* a D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Mas o fato é que não seria necessário. Estes temas eram muito reiterados pelos *jeffersonians* e o discurso da *Aurora*, replicado em todo o país por vários periódicos e escritos de filiação republicana<sup>64</sup>. Não é irrelevante que um deles, assinado pelo escocês emigrado James Callender<sup>65</sup>, tenha sido citado no diário de Hipólito<sup>66</sup>.

Mas resta uma questão a ser esclarecida: quais seriam as conexões entre a *Aurora* e a maçonaria? Curiosamente, ambas chegam a se encontrar nos registros de nosso personagem de modo casual e desprezioso, mas igualmente revelador.

### A maçonaria Antiga

Escreveu Hipólito: "Na *Aurora* de Filadélfia, de hoje, vinha uma publicação das *lodges* dos franco-maçons que cortei e guardei como curiosas..."<sup>67</sup> Curioso mesmo é que ele tenha guardado aquelas páginas movido por mera curiosidade. Nesta altura, nosso personagem já estava a caminho de Nova York. Mesmo descartando o fato de que sua admissão à maçonaria teria ocorrido um mês antes, como afirmou Mecenas Dourado<sup>68</sup>, o certo é que a primeira pessoa que ele procurou ao chegar lá foi identificada no texto como membro da ordem. Tratava-se de um francês emigrado que logo introduziria Hipólito numa rede formada por estrangeiros de várias nacionalidades. Este personagem entra em cena com o seguinte registro:

Estive com um francês, Mr. Mourgece, que me perguntou a outro, Mr. Olive; aquele, sendo um rapaz de França, me emprestou um livro inglês onde vem transcrita toda a maçonaria, palavras, sinais, etc.<sup>69</sup>

As relações com este francês eram muito próximas, pois Hipólito chegou a se hospedar em sua casa, antes de se mudar para "um escocês, onde estavam alojados quase todos escoceses."<sup>70</sup> Seu diário se refere a "Mr. Mourgece", "Mr. Mourge" ou "Mr. Mourgue", mas, segundo Mecenas Dourado, "o nome é Mourque, francês e maçom, amigo dos Cramer e de Benjamin Bache e, que, na ocasião, se achava, realmente, em Nova York."<sup>71</sup> O biógrafo de Hipólito da Costa encontrou a relação entre Bache e Mourque na obra de Lucien Cramer: *Une Famille Genevoise. Les Cramer, leurs relations avec Voltaire, Rousseau et Benjamin Franklin Bache*, editada em Genebra, em 1952<sup>72</sup>.

Franklin Bache era amigo de franceses emigrados, também porque havia passado boa parte de sua infância e juventude entre Paris e Genebra: viajou com o avô em 1776, aos sete anos de idade, quando Benjamin Franklin foi enviado à França como agente das colônias inglesas da América do Norte. Bache concluiu os estudos secundários em Genebra, sob os cuidados de Philibert Cramer, prestigiado editor de Voltaire<sup>73</sup>. Mas tão significativa quanto a conexão entre Mourque e Bache é o fato de que, em Nova York, Hipólito falava todos os dias "com estrangeiros, principalmente franceses."<sup>74</sup> Logo ele entraria em contato com refugiados da Ilha da Madeira, como mostra esta passagem.

Ontem, estive comigo um português da Madeira que fugiu de lá por uma perseguição que fizeram aos pedreiros livres, e se estabeleceu aqui. Quando chegou ao porto de New York, onde não conhecia ninguém, e a precipitação com que fugiu, não lhe deu lugar nem a trazer uma carta de recomendação, arvorou uma bandeira branca com estas letras azuis – *azilum querimus* – pelo que, quase todos os pedreiros livres de New York foram a seu bordo, recebendo depois e tratando com aquela hospitalidade que caracteriza esta sociedade.<sup>75</sup>

**76**  
Ver COSTA, Hipólito José da. *Narrativa da Perseguição*. 4ª ed. Porto Alegre: Associação Rio-grandense de Imprensa/Urgs, 1981. p.113.

**77**  
Os nomes dos maçons que fugiram para Nova York estão em LOJA, António Egídio Fernandes. *A Luta do Poder contra a Maçonaria*. Quatro perseguições no Séc. XVIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. p.508.

**78**  
SILVA DIAS, Graça e SILVA DIAS, J. S. da. *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. 2ª ed. Vol.I. Tomo I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986. p.281.

**79**  
PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.125.

**80**  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.70.

**81**  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.124.

**82**  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.125.

**83**  
Carta datada de Filadélfia, 3 de fevereiro de 1800.  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.191-192.

**84**  
PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.140.

Este episódio foi reproduzido de modo muito semelhante na *Narrativa da Perseguição*<sup>76</sup> e se refere à fuga de vários madeirenses em direção aos Estados Unidos, em 1792. Naquele ano, a Inquisição acumulou nada menos do que 190 processos contra pedreiros-livres na Ilha da Madeira. António Egídio Fernandes Loja relaciona os nomes de seis maçons que fugiram do Funchal com suas famílias em direção ao porto de Nova York, na noite de 19 de abril de 1792<sup>77</sup>. Graça e J. S. da Silva Dias revelam que teriam sido nove os pedreiros-livres que partiram para os Estados Unidos antes de 25 de abril daquele ano, seguidos posteriormente por mais 19 membros da ordem<sup>78</sup>.

Duas semanas após conhecer o maçon madeirense, cujo nome não é revelado em seu diário, Hipólito esteve com o "negociante" Joaquim Monteiro, também natural da Madeira<sup>79</sup>, o que sinaliza uma provável relação entre estes dois portugueses. Entretanto, na altura em que falava "todos os dias com estrangeiros, principalmente franceses", ele ainda estava longe de se mudar para a estalagem dos escoceses e também não conhecia os portugueses exilados. Haveria emigrados de outras nacionalidades entre os seus contatos?

Há outro personagem muito importante nas anotações de Hipólito em Nova York: "David Callaghan". Tudo indica que foi por seu intermédio que ele conseguiu levantar o empréstimo que garantiu sua subsistência no país, pois os recursos que havia trazido de Portugal só cobriram os primeiros meses de sua estadia em Filadélfia. O diário e também as cartas que ele enviou a Lisboa mostram que sua situação era de fato desesperadora, pois agravada ainda mais pela ausência de autoridades portuguesas nos Estados Unidos e pela interrupção das comunicações vindas de Portugal durante praticamente todo o ano de 1799. Porém, "Callaghan" vivia em Filadélfia, pois foi lá que Hipólito escreveu: "Falei ao David Callaghan para a correspondência do Roque Furtado."<sup>80</sup> Em Nova York, este personagem reaparece assim: "Amanhã espero resposta do Mr. Callaghan a quem mandei pedir emprestado dinheiro."<sup>81</sup> Alguns dias mais tarde: "Hoje, achei por via do Costa, um pobre português, quem aceitasse uma letra sobre o Callaghan para o dinheiro, mas não mo dão aqui antes que a letra seja lá [em Lisboa] entregue e aceita."<sup>82</sup> Nas cartas enviadas a D. Rodrigo, também é mencionado um "correspondente de David Callaghan" chamado "Carlos Callaghan". Numa destas cartas, Hipólito afirmava que David cobriu as suas despesas referentes à "condução e custo das plantas da cochonilha, e da árvore do pão, e cana *Otahite*, que veio da Jamaica."<sup>83</sup> Curiosamente, Callaghan é um nome de origem irlandesa.

De todo modo, é inegável que a experiência da viagem teria sido substancialmente distinta caso o viajante não contasse com a rede de proteção formada pela maçonaria. Esta pode ser entrevista em diversas passagens do texto, como nas anotações sobre a hospedagem na casa de Mourque ou no registro de um pernoite em Newport, Rhode Island, quando Hipólito voltava de Boston, em direção a Filadélfia. Na ocasião, ele escreveu: "Assim que desembarquei me procurou o *quaker* Mr. Alocum que me mostrou a casa de Mr. Brinton onde me hospedei."<sup>84</sup> Está claro que "o *quaker* Mr. Alocum" estava aguardando a sua chegada.

Ao regressar a Filadélfia, em fins de setembro de 1799, Hipólito voltou a contar com a ajuda de amigos, como se verá. Seu diário não revela quando ele teria recebido o empréstimo cujas gestões estavam sendo intermediadas por "Mr. Callaghan", mas uma de suas cartas, datada de 15 de

85

Carta datada de Filadélfia, 15 de janeiro de 1800. PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.190.

86

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.142.

87

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.66.

88

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.73.

89

Carta datada de Filadélfia, 6 de abril de 1799. PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.169.

90

Carta datada de Filadélfia, 6 de abril de 1799. PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.170.

91

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.75.

92

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.145.

93

JACKSON, Joseph. *America's Most Historic Highway. Market Street, Philadelphia*. New York: John Wanamaker ed., 1926. p.84-85.

94

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.154.

95

Cf. TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.324.

janeiro de 1800, informava o recebimento de "oitenta e oito libras, quatro shillings, e oito pences esterlinos."<sup>85</sup> Considerando que as cartas anteriores silenciam sobre este assunto, é certo que o dinheiro só chegou às mãos de Hipólito perto de dois meses após sua volta à capital federal. Isso é consistente com a primeira anotação que ele deixou em seu diário assim que retornou da Nova Inglaterra:

Hoje, sendo domingo, fui procurar Guilleman que não achei; dirigi-me a Hamilton, lá jantei, e encontrei Guilleman [...] Vi no Mr. H. o *caffé* do Kentucky. Aqui me encontrei com o Coronel Forest que me ofereceu a sua casa para passar lá alguns dias, o que eu imediatamente aceitei.<sup>86</sup>

Este registro elucida um aspecto central nas relações do jovem naturalista em Filadélfia: a filiação política de "Mr. Hamilton", um dos personagens mais importantes de seu diário e responsável em boa parte pelas investigações mais produtivas que ele realizou nos Estados Unidos. Tratava-se de "um sábio muito apaixonado de botânica"<sup>87</sup>, em cujo jardim Hipólito pôde observar muitas plantas cultivadas pelos norte-americanos e também a variedade da cochonilha que era preferida pelos espanhóis do México<sup>88</sup>. Juntamente com sementes de mais de 200 espécies<sup>89</sup>, este botânico de Filadélfia cedeu a Hipólito "uma pequena porção" de sementes do tabaco da Virgínia, que ele enviou a Portugal<sup>90</sup>. William Hamilton também apontou caminhos alternativos para as suas pesquisas e foi por seu intermédio que ele obteve a informação de que várias espécies poderiam ser trazidas da Jamaica<sup>91</sup>.

A passagem transcrita acima revela que "Mr. Hamilton" ou "Mr. H" tinha relações com "Forest". É nesta altura que o coronel de Germantown aparece pela primeira vez no texto. O fato de que era um velho conhecido, contudo, é evidenciado pelo convite feito a Hipólito, que ele "imediatamente" aceitou. Note-se que a presteza sugere necessidade. Hospedado em Germantown, Hipólito conheceria o naturalista quacre Humphrey Marshall, "o autor do catálogo, etc."<sup>92</sup>, entre outros membros da Sociedade dos Amigos. Contudo, seu diário não conta que Thomas Forrest, um veterano da guerra de Independência, era também um quacre, informação disponível em *America's Most Historic Highway*, obra dedicada a figuras ilustres que viveram ou trabalharam em Market Street, a principal rua de Filadélfia no século XVIII. O livro informa que o coronel Forrest, como era de fato conhecido, se mudou para Germantown em meados dos anos 1790<sup>93</sup>. Mas se Hipólito nada fala sobre as suas crenças religiosas, por outro lado desvenda a sua filiação político-partidária.

Hoje, soube que o ministro de Inglaterra me tinha por um jacobino ou republicano, e que os fundamentos eram a amizade que eu tinha com o Coronel Forest, de Germantown, onde eu estive morando; mal sabe ele porque eu lá estive, e mal sabe ele porque eu cortejo o ministro de Espanha.<sup>94</sup>

Esta passagem insinua que os motivos da amizade com Forrest eram os mesmos que induziam o autor a "cortejar" o ministro da Espanha, Don Carlos Martinez d'Yrujo. Quais motivos? Como d'Yrujo era muito próximo dos republicanos, chegou inclusive a escrever vários artigos para a *Aurora* com o pseudônimo "Verus"<sup>95</sup>, a resposta parece simples: a cochonilha. Hipólito precisava de um passaporte para territórios da Espanha e a proximidade com republicanos seria estratégica. Ocorre que a pergunta não é:

96

PEREIRA, Hipólito da Costa. *Diário da minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*. 2ªed. Brasília: Senado Federal, 2004. p.145.

97

PEREIRA, Hipólito da Costa. Op.Cit., p.149.

98

Ibidem.

99

Cf. TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.77-78.

100

Cf. BULLOCK, Steven C. *Revolutionary Brotherhood. Freemasonry and the transformation of the American social order. 1730-1840*. NC: University of North Carolina Press, 1996. p.88-9; JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment. Freemasonry and Politics in Eighteenth-Century Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1991. p.60-62.

101

Cf. BULLOCK, Steven C. Op.Cit., p.85-96.

Por que Hipólito esteve "morando" na casa de um "jacobino"? Mas sim: Por que um norte-americano levaria para morar em sua casa um estrangeiro que ele mal conhece? Já quanto aos compromissos partidários do Amigo de Germantown não há dúvida: Hipólito viajou com ele pelo interior da Pensilvânia e hospedou-se na estalagem de certo "major Bown," cabo eleitoral do republicano Thomas McKean, que então disputava o governo do Estado<sup>96</sup>.

Mais adiante, um escocês é introduzido no texto: "Fui ao Fuilhemand, que me mostrou os vestidos dos Fauls na Escócia, e me explicou o modo por que eles apisoavam o pano, etc."<sup>97</sup> (caso este e "Guilleman" fossem a mesma pessoa, haveria conexão segura com Hamilton). O certo é que "Fuilhemand" conhecia "Mr. Bond" ou "Mr. Nond". Os dois últimos eram de fato a mesma pessoa, pois ambos aparecem em registros de Boston como o mesmo amigo que havia fornecido a Hipólito uma carta de recomendação para um botânico de lá. Mas o mais interessante a respeito de Bond é que ele fazia parte do círculo da viúva de Franklin Bache, Margaret.

Disse-me ["Fuilhemand"] que a Mrs. Bache tinha mandado perguntar ao Mr. Bond quem era o agente do *chevalier* de Freire, porque queria cobrar 5th. em que importavam as rumas que lhe fizeram na casa, de chaves perdidas, fechaduras quebradas, etc.<sup>98</sup>

Aqui se descobre que o ministro de Portugal foi inquilino de Franklin Bache, mas esta passagem é ainda mais reveladora em outra direção: o escocês "Fuilhemand" conhecia Bond, que conhecia Margaret Bache, que logo se casaria com William Duane<sup>99</sup>. As relações com emigrados são indícios que não se deve negligenciar, pois sinalizam um campo no interior da maçonaria anglo-americana: os autodenominados Antigos.

A origem deste grupo remonta aos anos 1740, período de refluxo nas atividades da maçonaria inglesa. Por essa época, irlandeses emigrados começaram a organizar suas próprias lojas em Londres, sem o reconhecimento da Grande Loja da Inglaterra. A ruptura foi formalizada em 1751, quando o novo grupo (chamado "*Irish faction*" por seus adversários) fundou a sua própria grande loja, com a adesão de ingleses dissidentes. Reivindicando fidelidade ao passado da ordem e aos seus antigos rituais, os novos maçons se autodenominaram "Antigos", em oposição aos fundadores da maçonaria especulativa, a quem chamaram de "Modernos". Estes, cuja organização era anterior, acabaram assumindo a designação conferida por seus opositores, mesmo em documentos oficiais<sup>100</sup>.

Contudo, a divergência sobre o ritual era apenas um aspecto aparente nesta disputa. Segundo Steven Bullock, foram questões de ordem social que conferiram significado à forte oposição entre Antigos e Modernos, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Enquanto os Modernos se orgulhavam de seu refinamento e elevada posição social, os Antigos promoveram a abertura da ordem a emigrados e grupos sociais de mais baixa extração, como artesãos e pequenos comerciantes, incluindo até mesmo indivíduos pouco letrados ou sem educação formal. Embora reivindicassem legitimidade com base em tradições ancestrais, muitas de suas idéias e práticas eram de fato novas<sup>101</sup>.

Seu ímpeto reformista também se traduzia nas alianças que mantinham com as Grandes Lojas da Irlanda e da Escócia. Estas possuíam conexões com associações radicais sediadas no mundo britânico e também nos Estados Unidos. São conhecidas as estreitas relações entre a maçonaria

102

Cf. BRIC, Maurice J. The United Irishmen, international republicanism and the definition of the polity in the United States of America. 1791-1800. *Proceedings of The Royal Irish Academy*, vol. 104 C, nº 4, p.82-91, 2004; DUREY, Michael. Thomas Paine's apostles: radical émigrés and the triumph of Jeffersonian republicanism. *The William and Mary Quarterly*, 3rd Ser., Vol. 44, nº 4, Oct., 1987. p.666-667.

103

LITTLE, Nigel Ken. *Transoceanic Radical: The many identities of William Duane*. Thesis presented for the degree of Doctor of Philosophy. Murdoch University, p.35, 2003.

104

Cf. ROSENFELD, Richard N. *American Aurora. A Democratic-Republican Returns. The suppressed history of our nation's beginnings and the heroic newspaper that tried to report it*. New York: St. Martin's Press, 1997. p.43.

105

BRIC, Maurice J. Op.Cit., p.87.

106

Cf. NASH, Gary B. *Forging Freedom. The Formation of Philadelphia Black Community. 1720-1840*. Cambridge: Harvard University Press, 1991. p.31.

107

George Logan foi uma das mais expressivas lideranças dos quacres na Pensilvânia. Sua viagem secreta a Paris, com o objetivo de negociar uma solução para o conflito com a França, originou a lei Logan (*Logan Act*). Assinada em janeiro de 1799, pelo presidente John Adams, a lei proibia iniciativas individuais em nome dos Estados Unidos. Ver TAGG, James. Op. Cit., p. 208; p.368; ROSENFELD, Richard N. . Op. Cit., p. 579.

108

Citação extraída da seguinte passagem: "The United Irishmen in Philadelphia who are to assemble tonight, we are credibly informed, are composed of disaffected, illiterate Irish, Scotch, Dutch, and even -Americans! - Hence it would be no bull to say citizen Logan is an United Irishman." *Gazette of the United States*, November 23, 1798. In: ROSENFELD, Richard N., Op.Cit., p.542.

109

TAGG, James. *Benjamin Franklin Bache and the Philadelphia Aurora*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1991. p.208.

irlandesa e os United Irishmen, sociedade reformista em sua origem, mas que, após as sucessivas medidas repressivas adotadas pela Coroa britânica, incluiu a luta pela independência em seu programa político. Em 1794, quando foi obrigada a entrar na clandestinidade, a direção dos United Irishmen passou a operar no exílio, em Filadélfia, mantendo comitês em vários Estados do Atlântico Central e também em Hamburgo e Paris, onde o republicano James Monroe foi um importante aliado no período em que esteve à frente da representação norte-americana<sup>102</sup>.

O personagem cuja militância expressava todas estas conexões era justamente William Duane, que, no comando da *Aurora*, se tornou o principal porta-voz do partido republicano democrata. Duane havia se filiado à maçonaria já na cidade irlandesa de Clonmell<sup>103</sup>, sendo grande amigo dos principais dirigentes dos United Irishmen, especialmente Dr. James Reynolds e Thomas Lloyd, que pagou sua passagem e a de sua família para que emigrassem juntos para a América<sup>104</sup>.

Entretanto, nesta rede formada por emigrados, maçons e republicanos havia ainda uma outra malha: a Sociedade dos Amigos. Um indício da proximidade entre líderes quacres e a direção dos United Irishmen aparece na logística da sociedade irlandesa: Maurice Bric revela que, em 1798, os United Irishmen foram obrigados a deixar a *African School*, onde se reuniam, porque o número de associados já era grande demais para as instalações da escola<sup>105</sup>. A *African School* foi a primeira instituição educacional para crianças negras nos Estados Unidos, fundada em Filadélfia pelo abolicionista quacre Anthony Benezet<sup>106</sup>. Também a imprensa federalista fornece pistas interessantes. John Fenno chegou a publicar em sua gazeta governista que o quacre George Logan<sup>107</sup> "era um United Irishman", pois comparecia às suas reuniões, juntamente com os irlandeses, escoceses e holandeses "desleais e iletrados" que faziam parte daquela sociedade.<sup>108</sup>

James Tagg observa que as relações entre emigrados e republicanos era facilitada pelo fato de que lideranças muito representativas entre os *jeffersonians* possuíam laços transatlânticos. Era o caso, entre outros, de Franklin Bache, James Monroe e do próprio Logan, formado pela Universidade de Edimburgo, assim como o célebre abolicionista Benjamin Rush<sup>109</sup>.

A assimilação de Hipólito da Costa a um grupo que incluía emigrados em grande número não seria de surpreender, levando em conta o fato óbvio de que também ele era um estrangeiro e – deve-se considerar – em situação muito precária em seu primeiro ano nos Estados Unidos. Sua experiência como viajante naturalista seria forçosamente construída com base nesta condição.

## Conclusão

Vimos que a narrativa de Hipólito insinua uma ampla rede de contatos tecida pelas relações de pertencimento à maçonaria. Os personagens que se movimentam neste cenário são muitos, mas quatro protagonizam e conduzem o relato em situações de grande importância para o autor: o ministro de Portugal, Cipriano Ribeiro Freire; o botânico William Hamilton; o maçom e francês Mourque; o quacre e republicano Thomas Forrest. Estrangeiros e norte-americanos tinham conexões entre si e estas de algum modo se estendiam em direção ao partido republicano e à *Aurora* de Filadélfia, ela mesma um fio condutor das representações construídas por Hipólito da Costa sobre a sociedade norte-americana.

Em seu diário, são inúmeras as fontes, impressas ou não, que dialogam entre si e operam intermediando a sua percepção da realidade. Mesmo a experiência direta e não mediada pode aparecer interpolada entre depoimentos de interlocutores e transcrições de impressos, sendo ela também confundida e misturada com eles. Este emaranhado de citações mostra a voracidade com que Hipólito buscava reter toda a informação disponível e o grande esforço realizado para dar conta das tarefas complexas de que foi encarregado. Mas sugere ainda uma associação estreita com as pessoas de seu convívio durante o período coberto por suas anotações pessoais nos Estados Unidos.

Pode-se afirmar que neste período ele foi aprendiz em várias áreas do saber e da experiência, no que foi favorecido por suas relações no interior da maçonaria. O fato de ter ingressado tão rapidamente nos círculos da ordem em Filadélfia parece indicar uma aproximação anterior com os pedreiros-livres, ainda em Coimbra. Mas sua inserção na sociedade norte-americana (de fato uma inserção, embora incompleta e provisória), por meio da maçonaria Antiga, seguramente reduziu sua adequação às normas vigentes numa sociedade de Antigo Regime e contribuiu para o desfecho trágico de sua trajetória em Portugal. O fato é que ele já demonstrava baixa conformidade às regras quando chegou aos Estados Unidos, como indicam suas incansáveis incursões por cultos religiosos que, em princípio, não deveriam interessar a um leal súdito da Coroa portuguesa.

A proximidade com os quacres é nítida no texto e cabe notar que poucas formulações eram mais alheias ou antagônicas a uma sociedade de Antigo Regime do que o ideário dos Amigos: seus princípios de não subordinação e sua intolerância a estruturas verticais e formas tradicionais de distinção social encontravam poucos termos de comparação no universo mental do século XVIII. Marcas da convivência com este e outros grupos similares, ele certamente levaria em sua bagagem ao retornar a Lisboa.

Na "Memória sobre a viagem aos Estados-Unidos", que entregou a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Hipólito afirmou que teve "bastante que aprender" no período em que lá esteve, ainda que este aprendizado em alguns pontos parecesse "estranho" à sua "comissão".<sup>110</sup> Ele mesmo reconhecia neste momento que sua experiência como viajante naturalista também havia passado ao largo de suas atribuições como cientista e servidor régio. Seu diário mostra que, viajando a serviço da Coroa portuguesa, ele de fato aprendeu muito, mas esta experiência traria retorno modesto para a administração do Estado. Os melhores resultados deste aprendizado somente seriam contabilizados anos mais tarde nas páginas do *Correio Braziliense*.

#### 110

Memória sobre a viagem aos Estados-Unidos por Hippolyto José da Costa Pereira. *RIHGB*, vol. XXI, 1858. p.352.